

A hora da educação

MIGUEL JORGE*

Se a crise internacional for superada e a economia brasileira passar incólume ou sem grandes estragos pelos ataques especulativos ao real, será que voltarão aos jornais melhores notícias sobre crescimento econômico e justiça social? Maiores interessados em que isso aconteça, os governantes a serem eleitos deveriam meditar bem sobre os dados da Pesquisa de Padrão de Vida feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a primeira do gênero no País.

Realizada entre março de 1996 e março de 1997, no Sudeste e Nordeste, a pesquisa enfoca a relação educação-desenvolvimento, apontando as causas básicas da nossa mesquinhez como nação que precisa criar empregos e competir mundialmente. Mostra também as razões pelas quais nossa pobreza expande-se hoje na planície das grandes cidades e, o que é mais terrível, revela o abismo existente entre uma parcela da população que convive facilmente com as novas tecnologias e outra sem qualquer oportunidade de melhoria de vida.

Segundo o levantamento, 64% dos trabalhadores no Sudeste e Nordeste do Brasil não têm o 1º grau completo, o que explica a dificuldade dos problemas que permeiam nosso processo de desenvolvimento. A taxa de ocupação (representada pelo percentual da população empregada em relação ao total) é de 77% entre os que têm 12 ou mais anos de escola e de

apenas 44,5% entre aqueles com somente três ou quatro anos de escolaridade.

A conclusão é nítida: uma parcela expressiva de brasileiros faz o Brasil funcionar direito, todos com acesso a emprego ou trabalho pouco qualificado, a alimentação básica e às oportunidades. Outra parte é a dos despossuídos (22% dos consultados na pesquisa não tinham TV, geladeira e fogão), pessoas sem nenhum horizonte para o trabalho por falta de instrução para entrar no competitivo mercado de hoje, o que prova a relação entre ocupação e escolaridade.

Sobre o trabalho infantil, os dados da pesquisa são alarmantes: de cada 10 crianças com idades de 5 a 14 anos, no Sudeste e Nordeste, uma está trabalhando. A situação no Nordeste é ainda mais cruel, pois 15% dos meninos e meninas já estão no mercado de trabalho.

O levantamento mostra que o nível de escolaridade do trabalhador é uma variável fundamental na formação da mão-de-obra profissional e técnica, e quase decisivo para que a sociedade participe do desenvolvimento. O objetivo da pesquisa foi coletar dados que, normalmente, não constam de outras realizadas pelo IBGE, e que possam servir de base para a elaboração de programas sociais para construção de um Brasil mais justo.

Embora não diga como alcançar essa meta, a pesquisa mostra que, para atingi-la, nossas instituições políticas não podem simplesmente seguir rotinas ou incorporar arranjos. É preciso uma reforma do Estado

que permita resgatar nossa dívida social. E, nesse aspecto, ela traz também uma contribuição a respeito de diferenças salariais no Brasil, entre negros e brancos e homens e mulheres – um dos dados mais chocantes do trabalho.

Conforme os números obtidos, o salário médio dos homens brancos é mais que o dobro dos R\$ 423 de renda mensal dos negros. As mulheres negras ganham menos da metade da remuneração mensal das brancas: R\$ 266 contra R\$ 579. E mais: a mulher negra nordestina, da área rural, está no último grau da escala do trabalho no País – a população preta e parda exerce funções inferiores, pois a taxa de ocupação dos negros nessas atividades é superior à dos brancos. A diferença se repete até em relação ao nível de escolaridade, pois 86,16% dos negros com mais de 12 anos de estudo trabalham, e entre os brancos a taxa cai para 76,15%.

Consultando a Pesquisa de Padrão de Vida do IBGE, que explica muitos dos nossos problemas sociais, os candidatos a cargos eletivos teriam um excelente ponto de partida para os seus programas. Afinal, será tarefa deles lutar por mais e melhor educação para um número maior de brasileiros. Do contrário, nunca iremos ter democracia social e econômica, indústria moderna e diversificada, economia em crescimento e bem-estar para a nação.

*Jornalista, vice-presidente de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos da Volkswagen do Brasil